

MANEJO CLÍNICO INFANTIL NA PERSPECTIVA DA GESTALT-TERAPIA

CLINICAL MANAGEMENT OF CHILDREN FROM A GESTALT THERAPY PERSPECTIVE

MANEJO CLÍNICO INFANTIL DESDE LA PERSPECTIVA DE LA TERAPIA GESTALT

Vitória Agnes Ribeiro¹
Thamyres Bandoli Tavares Vargas²

RESUMO: A Gestalt-terapia compreende a criança como um ser singular, constituído na relação com o meio e em constante transformação. Nessa perspectiva, o desenvolvimento infantil é entendido como processo integral, dinâmico e não linear, no qual a criança participa da construção de suas experiências por meio do contato e da autorregulação. Este estudo teve como objetivo investigar as possibilidades de manejo clínico no atendimento psicoterapêutico infantil sob a ótica da Gestalt-terapia, considerando seus pressupostos e a compreensão do desenvolvimento infantil. Trata-se de pesquisa qualitativa, exploratória e bibliográfica, caracterizada como revisão narrativa de cunho conceitual. A análise da literatura foi organizada a partir dos seguintes eixos temáticos: fundamentos epistemológicos, desenvolvimento infantil, manejo clínico, recursos lúdicos e promoção da saúde mental. A literatura analisada indica que o atendimento infantil considera a criança em sua totalidade e no campo, evitando reduzi-la a sintomas ou diagnósticos. O manejo fundamenta-se na presença, na postura fenomenológica, na relação dialógica e no respeito às formas de expressão da criança. O brincar, a arte e os experimentos favorecem a expressão, o contato e a awareness. Conclui-se que a abordagem valoriza a singularidade infantil, o ajustamento criativo e o desenvolvimento de recursos próprios, favorecendo a autorregulação e saúde mental.

1

Palavras-chave: Gestalt-terapia. Desenvolvimento infantil. Manejo clínico.

ABSTRACT: Gestalt therapy understands the child as a unique individual, constituted in relationship with the environment and in constant transformation. From this perspective, child development is understood as an integral, dynamic, and non-linear process, in which the child participates in the construction of their experiences through contact and self-regulation. This study aimed to investigate the possibilities of clinical management in child psychotherapeutic care from a Gestalt therapy perspective, considering its theoretical assumptions and understanding of child development. This is a qualitative, exploratory, and bibliographic study, characterized as a narrative review of a conceptual nature. The literature analysis was organized around the epistemological foundations, child development, clinical management, playful resources, and the promotion of mental health. The literature analyzed indicates that child care considers the child as a whole and within their field, avoiding reducing them to symptoms or diagnoses. Clinical management is based on presence, a phenomenological attitude, a dialogical relationship, and respect for the child's forms of expression. Play, art, and experiments promote expression, contact, and awareness. It is concluded that the approach values children's uniqueness, creative adjustment, and the development of their own resources, fostering self-regulation and mental health.

Keywords: Gestalt therapy. Child development. Clinical management.

¹ Graduanda em Psicologia, Afya Itaperuna.

² Ensino, Docente Afya Itaperuna. Mestra em Ensino. Doutoranda em Ensino pela Universidade Federal Fluminense (UFF/INFES). Psicóloga.

RESUMEN: La Terapia Gestalt comprende al niño como un sujeto singular, constituido en relación con el entorno y en constante transformación. Desde esta perspectiva, el desarrollo infantil se entiende como un proceso integral, dinámico y no lineal, en el que el niño participa en la construcción de sus experiencias mediante el contacto y la autorregulación. Este estudio tuvo como objetivo investigar las posibilidades de manejo clínico en la atención psicoterapéutica infantil desde la perspectiva de la Terapia Gestalt, considerando sus presupuestos y la comprensión del desarrollo infantil. Se trata de una investigación cualitativa, exploratoria y bibliográfica, caracterizada como revisión narrativa de carácter conceptual. El análisis de la literatura se organizó a partir de los fundamentos epistemológicos, el desarrollo infantil, el manejo clínico, los recursos lúdicos y la promoción de la salud mental. La literatura indica que la atención infantil considera al niño en su totalidad y en relación con su campo, evitando reducirlo a síntomas o diagnósticos. El manejo clínico se fundamenta en la presencia, la actitud fenomenológica, la relación dialógica y el respeto por sus formas de expresión. El juego, el arte y los experimentos favorecen la expresión, el contacto y el *awareness*. Se concluye que el enfoque valora la singularidad infantil, el ajuste creativo y el desarrollo de recursos propios, favoreciendo la autorregulación y la salud mental.

Palabras clave: Terapia gestalt. Desarrollo infantil. Manejo clínico.

1 INTRODUÇÃO

O desenvolvimento infantil constitui uma etapa fundamental da existência humana, marcada por transformações cognitivas, emocionais, sociais e afetivas que influenciam a maneira como a criança se relaciona consigo mesma, com o outro e com o ambiente (Aguiar, 2014). Nesse sentido, compreender a infância sob a perspectiva da Gestalt-terapia mostra-se relevante por considerar a singularidade da criança, sua autenticidade e a importância das relações estabelecidas com o meio. Essa discussão também se justifica pela necessidade de ampliar as reflexões sobre a saúde mental infantil, especialmente diante das demandas relacionadas ao sofrimento psíquico e da tendência de compreender a criança a partir de diagnósticos e categorias preestabelecidas. Além disso, a abordagem considera os aspectos sociais e culturais que atravessam as diferentes formas de vivenciar a infância (Oaklander, 1980).

A Gestalt-terapia compreende a criança como um ser singular, constituído nas relações que estabelece com o meio e em constante processo de transformação. Nessa perspectiva, é reconhecida como ser de potencialidades, capaz de se reorganizar diante das experiências vivenciadas em seu campo (Cysne; Frota, 2017). Essa compreensão diferencia-se de perspectivas que priorizam a observação isolada de comportamentos ou sintomas, uma vez que a abordagem busca compreender a experiência da criança em sua totalidade e em relação ao contexto no qual está inserida (Aguiar, 2014).

As manifestações apresentadas pela criança possuem significado em sua experiência e relacionam-se à forma como estabelece contato com o ambiente. A partir de conceitos como

autorregulação orgânica, ajustamento criativo e *awareness*, busca-se compreender como a criança organiza sua experiência diante das necessidades que emergem no campo, sem reduzi-la às manifestações sintomáticas ou a categorias diagnósticas (Zanella; Antony, 2020).

No contexto clínico, essa concepção implica uma forma particular de compreender e acompanhar a criança durante o processo psicoterapêutico. O gestalt-terapeuta considera suas diferentes formas de expressão, incluindo a linguagem verbal e não verbal, as manifestações corporais e os recursos utilizados para estabelecer contato. Dessa maneira, o trabalho clínico busca favorecer a ampliação da *awareness* e a construção de possibilidades de ajustamento criativo diante das experiências vivenciadas (Noronha; Barreira, 2016).

Diante das particularidades da infância, o manejo clínico também considera o brincar e os recursos lúdicos como possibilidades de expressão e comunicação. Por meio desses recursos, a criança pode expressar experiências, sentimentos e conflitos que nem sempre conseguem ser comunicados pela linguagem verbal, favorecendo novas formas de contato e significação de suas vivências (Antony; Bai, 2025). Além disso, o manejo clínico não pode ser compreendido de maneira dissociada do contexto no qual a criança está inserida, uma vez que as relações familiares, sociais e culturais participam da constituição de suas experiências e das formas pelas quais estabelece contato com o ambiente (Aguiar, 2014).

A partir dessa compreensão, torna-se relevante discutir como a Gestalt-terapia 3
compreende e acompanha a experiência infantil no contexto psicoterapêutico, considerando seus fundamentos e as possibilidades de manejo clínico. Nesse sentido, este estudo parte da seguinte questão: quais são as possibilidades de manejo clínico no atendimento psicoterapêutico infantil sob a ótica da Gestalt-terapia?

Assim, o objetivo geral deste estudo é investigar as possibilidades de manejo clínico no atendimento psicoterapêutico infantil sob a ótica da Gestalt-terapia, considerando seus pressupostos teóricos e a compreensão do desenvolvimento infantil. Como objetivos específicos, busca-se discutir as bases epistemológicas da Gestalt-terapia; compreender o desenvolvimento infantil na perspectiva da abordagem; abordar o manejo clínico e os recursos lúdicos utilizados no atendimento psicoterapêutico infantil; e discutir o sofrimento psíquico e a promoção da saúde mental na infância.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, que busca compreender e analisar os pressupostos teóricos da Gestalt-terapia relacionados ao desenvolvimento infantil e às

possibilidades de manejo clínico, priorizando a análise de conceitos e referenciais teóricos em detrimento de dados numéricos (Pitanga, 2020).

Quanto aos objetivos, a pesquisa caracteriza-se como exploratória, pois visa ampliar a compreensão acerca da temática, proporcionando maior familiaridade com os conceitos que fundamentam a Gestalt-terapia aplicada ao contexto da infância (Lösch; Rambo; Ferreira, 2023).

Quanto aos procedimentos metodológicos, o presente estudo consiste em uma pesquisa bibliográfica, desenvolvida por meio de uma revisão de literatura de caráter narrativo, com enfoque conceitual (Grazziotin; Klaus; Pereira, 2022). Esse tipo de revisão possibilita reunir, analisar e discutir produções científicas relevantes sobre o tema, estabelecendo um diálogo entre diferentes autores e perspectivas teóricas, com o propósito de construir uma compreensão ampla e fundamentada acerca do tema (Grazziotin; Klaus; Pereira, 2022).

Para o levantamento bibliográfico, foram consultadas as bases de dados SciELO, PePSIC, Portal de Periódicos CAPES e Google Acadêmico, além de livros clássicos e contemporâneos relacionados à Gestalt-terapia e ao desenvolvimento infantil. As palavras-chave utilizadas na busca foram: “Gestalt-terapia”, “desenvolvimento infantil”, “psicoterapia infantil”, “criança”, “manejo clínico”, “brincar”, “ludicidade” e “saúde mental infantil”, combinados entre si por meio dos operadores booleanos AND e OR, quando pertinente. O desenvolvimento da pesquisa ocorreu em cinco etapas: (1) definição do tema e dos objetivos; (2) levantamento e seleção das publicações relacionadas ao objeto de estudo; (3) leitura exploratória e analítica dos materiais selecionados; (4) organização dos conteúdos de acordo com os objetivos da pesquisa; e (5) análise crítica e discussão dos conceitos identificados na literatura.

4

A coleta de dados foi realizada por meio da seleção de artigos científicos, livros e dissertações que abordam a Gestalt-terapia e o desenvolvimento infantil.

A análise do material bibliográfico foi orientada de forma qualitativa, mediante leitura interpretativa e reflexiva da literatura, organizada em eixos temáticos correspondentes aos objetivos específicos. Buscou-se, nesse percurso, identificar os principais conceitos e aportes teóricos, bem como as contribuições da Gestalt-terapia para a compreensão do desenvolvimento infantil, do sofrimento psíquico na infância e das possibilidades de intervenção clínica com crianças.

Como critérios de inclusão, foram considerados artigos científicos publicados no período de 2016 a 2026. As obras de referência e livros clássicos não foram submetidos a limitação temporal, de modo a contemplar os fundamentos históricos e conceituais da Gestalt-terapia.

Adicionalmente, foram selecionados materiais que abordam a compreensão da infância e do desenvolvimento infantil na perspectiva da Gestalt-terapia, bem como estudos relacionados aos fundamentos teóricos, ao manejo clínico e aos recursos utilizados na prática psicoterapêutica com crianças. Foram excluídos materiais que não apresentam relação direta com o tema e os objetivos da pesquisa.

3 DESENVOLVIMENTO

3.1 Bases epistemológicas da Gestalt-terapia

Perls (1893–1970), inicialmente influenciado pela Psicanálise, passou a questionar alguns de seus pressupostos, buscando desenvolver uma abordagem que valorizasse a experiência presente, a relação do indivíduo com o ambiente e a singularidade da existência humana (Poppa, 2018). Perls, em parceria com Laura Perls, Paul Goodman, Isadore From, Paul Weiss, Elliot Shapiro e Sylvester Eastman, integrou o chamado “Grupo dos Sete”, que tinha como objetivo desenvolver uma terapia de caráter existencial, capaz de oferecer suporte às necessidades dos indivíduos do século XX (Noronha; Barreira, 2016).

Segundo Ginger e Ginger (1995), a Gestalt-terapia constitui-se como uma abordagem de base fenomenológico-existencial, marcada pela articulação de diferentes influências filosóficas e terapêuticas, como a fenomenologia, o existencialismo, a Psicologia da Gestalt, a psicanálise, as filosofias orientais e o movimento humanista. A partir dessas contribuições, a abordagem privilegia a experiência imediata, voltando-se ao “como” e ao “o quê” da experiência, em vez de priorizar o “por quê”, com atenção ao momento presente e ao fenômeno tal como se apresenta (Noronha; Barreira, 2016; Poppa, 2018).

O método fenomenológico, proposto inicialmente por Husserl e posteriormente desenvolvido por filósofos como Heidegger e Merleau-Ponty, busca investigar a experiência vivenciada. Na Gestalt-terapia, essa perspectiva envolve a suspensão de julgamentos e interpretações prévias, acompanhando o cliente na exploração dos significados atribuídos às suas experiências e favorecendo a ampliação da *awareness*. Assim, o cliente é compreendido como participante ativo na construção dos sentidos de sua própria experiência (Joyce; Sills, 2016).

Alguns princípios propostos pela Psicologia da Gestalt foram considerados importantes por Perls (1979) e exerceram influência significativa na construção de diversos conceitos da Gestalt-terapia. Entre eles, destaca-se a diferenciação entre figura e fundo e o princípio da

pregnância. Para Perls (1979), esse princípio está relacionado à tendência da Gestalt em buscar o fechamento. Quando uma necessidade não é atendida, ela permanece presente na relação do indivíduo com o meio, sendo compreendida como uma Gestalt incompleta ou uma situação inacabada, até que a necessidade original possa ser identificada e atendida, possibilitando o fechamento da Gestalt (Poppa, 2018).

No caso da criança, esse processo pode ser compreendido a partir das necessidades que emergem no campo e assumem o lugar de figura, enquanto os demais elementos permanecem como fundo. Assim, suas percepções e experiências são organizadas de acordo com aquilo que, em determinado momento, apresenta maior relevância para sua existência e mobiliza sua atenção e energia (Poppa, 2018). A necessidade que emerge como figura orienta a criança em sua relação com o meio, levando-a a buscar formas de satisfazê-la. Quando essa necessidade é atendida, a figura tende a perder sua força e a retornar ao fundo, possibilitando o surgimento de uma nova figura. Esse movimento está relacionado ao processo de autorregulação, compreendido como a capacidade do organismo de buscar, na relação com o ambiente, condições para responder às suas necessidades e alcançar um equilíbrio possível (Poppa, 2018).

Desse modo, a criança não deve ser compreendida de maneira isolada, uma vez que seu processo de organização ocorre na relação constante com o meio. É a partir dessa interação que determinadas necessidades ganham destaque, orientando sua percepção, seus comportamentos e suas formas de contato com o ambiente. A autorregulação, portanto, acontece de maneira dinâmica, considerando as condições presentes no campo e os recursos disponíveis à criança em cada situação (Poppa, 2018).

A teoria de campo na Gestalt-terapia, influenciada pela obra de Lewin (1964), fundamenta-se na compreensão de que o indivíduo não existe de forma isolada, mas encontra-se em constante relação com os elementos que compõem o seu campo. Essa perspectiva contribui para a compreensão clínica do cliente de forma holística, considerando não apenas os aspectos psicológicos e físicos, mas também o contexto do qual ele faz parte. Dessa forma, compreende-se que as experiências e os significados atribuídos pelo indivíduo estão relacionados ao campo e ao contexto em que ocorrem (Joyce; Sills, 2016).

Essa compreensão torna-se especialmente relevante no desenvolvimento infantil, uma vez que a criança está inserida em um campo relacional no qual as relações familiares e as condições ambientais exercem influência significativa sobre seu processo de desenvolvimento. Nos primeiros anos de vida, a criança ainda se encontra em processo de diferenciação de sua fronteira de contato e depende do suporte oferecido pelo ambiente para desenvolver recursos

próprios de enfrentamento e construir progressivamente seu autossuporte (Antony; Zanella, 2020).

Nesse sentido, o suporte familiar e ambiental constitui um elemento importante para que a criança possa estabelecer relações de contato, expressar suas necessidades e desenvolver formas próprias de se relacionar com o meio. O desenvolvimento infantil, portanto, pode ser compreendido como um processo que ocorre na relação entre a criança e o campo no qual está inserida, considerando que as experiências vivenciadas nesse contexto participam da constituição de suas formas de contato e de autorregulação (Antony; Zanella, 2020).

A partir da teoria organísmica, compreende-se que a autorregulação possibilita ao organismo ajustar-se às necessidades que emergem em sua relação com o meio, a partir dos recursos disponíveis em seu campo. Quando uma necessidade se apresenta, ocorre uma situação de desequilíbrio, mobilizando o organismo na busca por sua satisfação e pela resolução da situação inacabada. Assim, por meio da autorregulação, o indivíduo realiza ações no ambiente com o objetivo de atender às suas necessidades e buscar a retomada de seu equilíbrio (Frazão; Fukumitsu, 2014).

O contato ocupa papel central na abordagem gestáltica, estabelecendo uma relação dinâmica entre organismo e ambiente. Perls, Hefferline e Goodman (1997) descrevem esse processo em quatro momentos: pré-contato, contato, contato final e pós-contato. Ele se inicia com uma necessidade, que direciona o organismo ao ambiente em busca de possibilidades de satisfação. No contato final, organismo e ambiente interagem na fronteira de contato, possibilitando a assimilação da experiência, que contribui para o crescimento e o desenvolvimento (Poppa, 2018).

A experiência psicológica constitui-se na relação entre organismo e ambiente, estabelecida e reorganizada por meio do contato. Esse processo é fundamental para a Gestalt-terapia, pois nele organismo e ambiente se encontram e se influenciam mutuamente (Poppa, 2018). Assim, a criança deve ser compreendida a partir das relações que estabelece com o ambiente, considerando o campo relacional em seu desenvolvimento (Aguiar, 2014).

O conceito de fronteira de contato recebeu influência da teoria de campo, desenvolvida por Kurt Lewin (1892–1942). Na Gestalt-terapia, constitui o espaço em que ocorre o contato entre organismo e ambiente e onde a experiência emerge. É compreendida como permeável e plástica, podendo se expandir ou retrair conforme as necessidades do organismo e as condições do ambiente. Ao possibilitar o contato, também delimita e protege o organismo, favorecendo sua relação com o meio e os processos de crescimento e transformação (Poppa, 2018).

Em consonância com essa perspectiva, na Gestalt-terapia, o termo *awareness* é utilizado para designar a capacidade de perceber e reconhecer a própria experiência no momento em que ela ocorre, ou seja, um saber da experiência. A *awareness* está estreitamente relacionada ao contato, pois é nessa interação que a necessidade mais relevante para o organismo ganha destaque, constituindo-se figura diante de um fundo. Dessa forma, ambos os processos participam de maneira articulada do fluxo experiencial, favorecendo a percepção das necessidades e das possibilidades de transformação na relação entre pessoa e ambiente (Frazão; Fukumitsu, 2014).

3.2 Desenvolvimento infantil na perspectiva da Gestalt-terapia

A concepção de infância modificou-se ao longo da história. Na sociedade medieval, essa etapa não era compreendida como uma etapa própria do desenvolvimento humano. Dessa maneira, a criança era tratada de modo semelhante aos adultos e inserida desde cedo nas atividades sociais, sem que suas especificidades fossem reconhecidas (Cirino, 2001). A partir do século XVIII, com a influência de Rousseau, e de transformações sociais correntes, a criança passou a ser alvo de cuidados e proteção, além de reconhecida como parte importante do futuro da sociedade. Tal contexto favoreceu a ampliação dos cuidados destinados a ela e impulsionou o desenvolvimento de áreas, como a medicina e a educação (Cirino, 2001).

8

As transformações históricas, sociais e familiares influenciaram as formas de cuidado e as concepções acerca do desenvolvimento infantil contemporâneo (Poppa, 2018). A psicoterapia infantil teve início ao final do século XIX, período em que a infância passou a receber novos significados e visibilidade social, especialmente com o desenvolvimento da abordagem psicanalítica. A Gestalt-terapia, por sua vez, apresenta uma perspectiva fenomenológico-existencial, na qual o ser humano não é visto por uma ótica determinista ou inconsciente mas como um ser de possibilidades, capaz de realizar ajustamentos criativos e de se autorregular na relação com o meio. Nesse sentido, essa abordagem reconfigura a prática clínica com crianças na qual o comportamento da criança não é interpretado a partir de significados previamente estabelecidos, mas compreendido em sua experiência presente e na relação que estabelece com o ambiente (Aguiar, 2014).

No campo da Psicologia do Desenvolvimento, existem teorias que buscam compreender o desenvolvimento humano a partir da delimitação de estágios e fases consideradas universais e sequenciais. A abordagem gestáltica, por sua vez, contrapõe-se a perspectivas que delimitam etapas previamente definidas e de padrões fixos. A Gestalt-Terapia não possui uma teoria

baseada em estágios, uma vez que sua compreensão não busca enquadrar os indivíduos em parâmetros universais, mas reconhecê-los em sua singularidade e em suas possibilidades (Bomfim, 2026).

Nessa perspectiva, o desenvolvimento humano é compreendido como um processo integral, contínuo e dinâmico, que não ocorre de maneira linear ou uniforme. Cada pessoa desenvolve-se em ritmo próprio e vivencia seu processo de desenvolvimento de forma singular, considerando-se as diferentes experiências e relações estabelecidas ao longo de sua existência. Trata-se de um processo de diferenciação e integração que se atualiza constantemente na relação de contato entre sujeito e meio (Bomfim, 2026).

A Gestalt-terapia compreende a criança como um ser dotado de potencialidades e capaz de realizar ajustamentos ao meio em que vive, não sendo vista como sujeito passivo a ser moldado. Reconhece-se sua capacidade de autorregulação e de influenciar o ambiente, cabendo ao gestalt-terapeuta validar seus sentimentos, respeitar sua singularidade e favorecer o desenvolvimento de sua identidade (Aguiar, 2014).

O desenvolvimento infantil na perspectiva da Gestalt-terapia é compreendido a partir da relação entre organismo e ambiente, considerando que a criança está em constante interação com o meio em que está inserida. Nesse processo, a criança tende a realizar ajustamentos diante das necessidades que surgem a partir das experiências vivenciadas e das relações estabelecidas com outras pessoas. Dessa forma, seu desenvolvimento é marcado pelas trocas que estabelece com o ambiente e, principalmente, pelas relações construídas com seus responsáveis e com as pessoas que fazem parte de seu cotidiano (Aguiar, 2014).

Nesse sentido, a família e as relações estabelecidas no ambiente familiar possuem papel importante no desenvolvimento infantil, uma vez que são, geralmente, os primeiros contatos da criança com o mundo. É a partir dessas relações iniciais que a criança começa a construir formas de compreender a si mesma, o outro e o ambiente em que está inserida. Assim, a criança tende a realizar ajustamentos diante das condições presentes em seu contexto familiar, desenvolvendo maneiras próprias de lidar com as experiências e necessidades que surgem nessa relação (Aguiar, 2014).

Na perspectiva gestáltica, o desenvolvimento não pode ser compreendido de forma isolada, uma vez que a criança está sempre inserida em um campo de relações. As experiências vivenciadas no ambiente familiar podem favorecer diferentes formas de ajustamento, influenciando a maneira como a criança estabelece contato, expressa suas necessidades e se relaciona com o mundo. Dessa maneira, compreender o desenvolvimento infantil implica

considerar não apenas as características individuais da criança, mas também o contexto e as relações nas quais ela está inserida (Aguiar, 2014).

Como a Gestalt-terapia considera a totalidade do contexto que faz parte da existência da criança, é necessário um olhar integral para o seu desenvolvimento, buscando compreender a dinâmica familiar, a forma como os membros da família se relacionam e como essas relações se configuram no campo da criança (Aguiar, 2014).

Além do contexto familiar, também é necessário considerar outros espaços e relações que fazem parte da vida da criança, como a cultura na qual está inserida e o ambiente escolar. Nesse sentido, compreender como a criança se relaciona com a escola, com seus pares e com as demais pessoas que fazem parte de sua realidade contribui para uma compreensão mais ampla de seu desenvolvimento. Portanto, compreender o desenvolvimento infantil pela ótica da Gestalt-terapia significa adotar um olhar integral, buscando entender como a criança se configura e realiza seus ajustamentos a partir das relações que estabelece com as pessoas e com o ambiente que a cerca. Assim, os diferentes contatos estabelecidos ao longo de sua experiência participam da construção de suas formas de se relacionar consigo mesma, com o outro e com o mundo (Aguiar, 2014).

A Gestalt-terapia também busca compreender a criança para além de categorias diagnósticas, considerando que o diagnóstico, embora possa ser importante para a compreensão de determinadas situações, não define a totalidade da criança. O olhar terapêutico volta-se para a maneira particular como ela estabelece contato, se relaciona e existe em seu contexto, considerando as relações que compõem seu campo. Dessa forma, em vez de reduzir a criança a uma categoria ou a um diagnóstico, busca-se compreender sua experiência de maneira ampla, investigando como ela se configura diante das relações e das situações que vivencia. Esse olhar permite compreender que a criança está em constante relação com o ambiente e que suas formas de ajustamento são construídas a partir dessas experiências (Aguiar, 2014).

3.3 Sofrimento psíquico e promoção da saúde mental

Durante o desenvolvimento infantil, podem surgir obstáculos e dificuldades que interferem na relação da criança com o meio e em seu processo de desenvolvimento. Em algumas situações, os recursos disponíveis à criança e à sua família podem não ser suficientes para lidar com as demandas que surgem, tornando necessária a busca por acompanhamento psicológico (Frazão; Fukumitsu, 2016).

A Gestalt-terapia considera que cada ser é único e respeita a singularidade de cada indivíduo. Nessa perspectiva, o diagnóstico não define nem limita o paciente, mas contribui para a compreensão de alguns aspectos que se manifestam na clínica, sem determinar quem ele é. Assim, é possível realizar uma compreensão diagnóstica de acordo com os pressupostos da Gestalt-terapia, que valoriza a descrição da experiência singular de cada indivíduo, a forma como ele se relaciona com o campo em que vive e como essas relações se estabelecem, sem reduzi-lo a categorias ou estereótipos criados (Aguiar, 2014).

O ajustamento criativo constitui um processo dinâmico de interação entre a criança e o ambiente, por meio do qual ela busca lidar com as situações que emergem em seu campo e satisfazer suas necessidades. Esse processo envolve uma tentativa de restabelecer o equilíbrio na relação com o meio, considerando as possibilidades disponíveis para o atendimento da necessidade. Quando o ambiente não oferece condições suficientes para atender à necessidade da criança, ela pode modificá-la ou encontrar outras formas de satisfazê-la, realizando um ajustamento criativo compatível com as condições presentes em seu contexto (Aguiar, 2014).

O adoecer pode ser compreendido como uma forma de autorregulação, por meio da qual a criança busca lidar com uma necessidade que permanece insatisfeita. Nesse processo, os sintomas podem surgir como formas encontradas pela criança para enfrentar situações de sofrimento e angústia, indicando que existe uma necessidade que ainda não foi atendida e, consequentemente, uma *gestalt* permanece aberta. Na perspectiva gestáltica, a doença também pode ser compreendida como uma tentativa de retomada da saúde e do equilíbrio, buscando novas formas de lidar com as necessidades que emergem na experiência da criança (Aguiar, 2014).

A abordagem gestáltica compreende o adoecimento emocional como relacionado às perturbações nas relações estabelecidas pela pessoa em seu campo. Assim, diante de sintomas apresentados pela criança, é importante considerar não apenas sua experiência individual, mas também o contexto familiar e as relações que o constituem. Nessa perspectiva, criança e família formam um campo relacional, sendo necessário compreender o sintoma em relação a esse contexto e às experiências vivenciadas (Aguiar, 2014).

As crianças podem apresentar processos de autoproteção e bloqueios de contato, que surgem como formas de lidar com a angústia e proteger sua integridade emocional diante de situações ameaçadoras. Essa postura defensiva deve ser compreendida pelo terapeuta como uma busca legítima por preservação, cabendo a ele respeitar o tempo da criança e oferecer recursos

que favoreçam um ambiente seguro, possibilitando que ela consiga, gradualmente, desenvolver autossuporte para acessar e expressar aquilo que tende a evitar (Oaklander, 1980).

O Gestalt-terapeuta deve, portanto, trabalhar para que a criança desenvolva *awareness* acerca dos processos que vivencia e de sua maneira de se relacionar com as pessoas e com o ambiente. Nesse processo, busca-se também favorecer o fortalecimento do senso de identidade da criança e sua capacidade de realizar ajustamentos criativos de maneira satisfatória, sem que estes se cristalizem. Essas atitudes contribuem para a promoção da saúde mental infantil, ao possibilitar que a criança amplie sua consciência sobre si mesma e sobre suas formas de estar no mundo (Oaklander, 1980).

Pode-se compreender, então, que a Gestalt-terapia considera o sintoma como uma forma de ajustamento da pessoa ao seu meio, e não apenas como algo a ser eliminado. Nesse sentido, o Gestalt-terapeuta atua como suporte para que a criança amplie suas possibilidades de contato e desenvolva novos modos de ajustamentos criativos, favorecendo formas mais saudáveis e flexíveis de lidar com suas experiências e fortalecendo, assim, seu senso de identidade (Oaklander, 1980).

3.4 Manejo clínico e recursos lúdicos no atendimento infantil

No que se refere ao manejo clínico em Gestalt-terapia, o psicoterapeuta deve assumir uma postura fenomenológica, caracterizada pela suspensão de julgamentos e concepções prévias acerca da criança, incluindo informações provenientes dos responsáveis, expectativas em relação ao processo terapêutico ou classificações diagnósticas. Dessa forma, o profissional busca encontrar a criança com abertura e interesse genuíno, permitindo conhecê-la a partir da maneira como ela se apresenta no contexto terapêutico (Aguiar, 2014).

Como afirmam Zanella e Antony (2020), a fenomenologia fundamenta o método de trabalho da Gestalt-terapia, orientando o terapeuta a voltar-se para a experiência tal como é vivenciada pelo indivíduo, sem julgamentos ou pressuposições prévias. Dessa forma, o gestalt-terapeuta deve evitar interpretações prévias acerca das brincadeiras realizadas pela criança, pois atribuir antecipadamente um significado à sua experiência poderia afastar o profissional de uma postura fenomenológica. Na Gestalt-terapia, busca-se compreender a experiência conforme ela se apresenta, permitindo que a própria criança, ao longo do processo de *awareness*, possa construir e expressar os sentidos relacionados àquilo que vivencia por meio do brincar (Aguiar, 2014).

Os elogios, assim como as críticas, não fazem parte de uma postura fenomenológica. Portanto, o psicoterapeuta deve assumir uma postura que possibilite ao cliente expressar-se de maneira autêntica, sem a necessidade de corresponder às expectativas do terapeuta. No caso da criança, os elogios podem contribuir para fixar determinados modos de ser e agir, levando-a a repeti-los para obter a aprovação do psicoterapeuta. Dessa forma, pode ocorrer um ajustamento criativo disfuncional voltado à aceitação pelo terapeuta, em vez de uma expressão espontânea de suas necessidades e experiências (Aguiar, 2014). O psicoterapeuta pode atuar como um “espelho”, descrevendo à criança aspectos de seu processo psicoterapêutico que anteriormente não conseguia perceber, como suas tentativas, avanços e possibilidades de ação. Dessa forma, o terapeuta favorece que o próprio cliente reconheça os recursos que desenvolveu ao longo do processo e as ferramentas que encontrou para lidar com determinadas situações (Aguiar, 2014).

A confirmação não se caracteriza como elogio, mas como uma forma de oferecer ao cliente um espelho de sua própria experiência, descrevendo suas conquistas e possibilidades sem julgamentos ou avaliações externas. No trabalho com crianças, essa postura favorece o reconhecimento de suas próprias realizações e mantém-se coerente com a perspectiva fenomenológica (Aguiar, 2014). A confirmação, portanto, envolve aceitar e validar a criança em sua totalidade existencial, incluindo seus bloqueios, recusas, manifestações de agressividade e limites no aqui-agora. Confirmar a existência do outro, e não apenas suas ações ou comportamentos, é o que diferencia a confirmação, na Gestalt-terapia, de um mero elogio ou reforço (Aguiar, 2014).

13

O atendimento clínico infantil em Gestalt-terapia inicia-se com uma entrevista com os responsáveis, cuja organização pode variar conforme a idade da criança. Nesse encontro, o gestalt-terapeuta busca conhecer o contexto de vida, a dinâmica familiar, os hábitos, as dificuldades, os recursos e as expectativas dos responsáveis em relação ao processo psicoterapêutico (Frazão; Fukumitsu, 2016).

De acordo com Aguiar (2014), um dos pilares do atendimento clínico infantil é a atitude de presença e a relação dialógica estabelecida entre psicoterapeuta e criança. Nesse sentido, a construção de um vínculo terapêutico significativo é fundamental para que os experimentos realizados em sessão não se reduzam a atividades recreativas, mas contribuam efetivamente para o processo psicoterapêutico.

O vínculo terapêutico estabelecido no atendimento com crianças é essencial, pois, por si só, contribui para a promoção da saúde mental. Ele constitui a base de todo o processo terapêutico. É por meio desse vínculo que a criança é capaz de se abrir para o encontro,

permitindo que o gestalt-terapeuta compreenda o seu modo de estar e se relacionar no mundo. Além disso, o vínculo favorece a expressão segura de suas defesas e a compreensão das inseguranças que emergem ao longo do processo terapêutico (Oaklander, 2022).

O gestalt-terapeuta deve adotar uma postura de presença e inclusão, e não de superioridade em relação à criança. Também não deve atribuir a ela expectativas pessoais, mas reconhecê-la como um ser de potencialidades, capaz de desenvolver sua autorregulação orgânica em sua relação com o meio. Pois, trata-se de um ser singular e único que deve ser aceito como é, cabendo ao terapeuta atuar de forma ética, contribuindo para o desenvolvimento de sua autonomia, da formação de sua identidade e de seu bem-estar emocional (Aguiar, 2014). O terapeuta assume a função de heterosuporte, de modo temporário e transitório, orientado pelo objetivo de favorecer o desenvolvimento gradual dos próprios recursos da criança, possibilitando a passagem do suporte externo para o fortalecimento de seu autossuporte (Aguiar, 2014).

O terapeuta permite que a criança se mostre como é, favorecendo que ela consiga fazer emergir aquilo que a afeta no momento presente. No atendimento clínico infantil, o psicoterapeuta deve utilizar uma linguagem adequada à faixa etária da criança, de modo que ela possa compreender o que está sendo comunicado. Para isso, é necessário que o profissional esteja disponível para compreender a experiência da criança a partir de sua própria perspectiva (Aguiar, 2014).

14

Durante as primeiras sessões, a criança pode apresentar resistência e desconfiança, que podem assumir caráter protetivo diante de um mundo percebido como caótico. Nesse sentido, o gestalt-terapeuta deve acolher a resistência e aproximar-se de forma sutil, respeitando o ritmo e os limites da criança. A resistência pode ser compreendida como uma expressão do nível de contato que a criança consegue estabelecer, considerando que nem sempre está pronta para entrar em contato com aquilo que evita (Oaklander, 1980).

Segundo Oaklander (1980), o gestalt-terapeuta deve proporcionar um ambiente que favoreça a autonomia da criança, estimulando sua capacidade de fazer escolhas, como decidir quais objetos deseja utilizar durante a sessão. Esse ambiente possibilita que ela expresse aquilo que ainda não consegue verbalizar para outras pessoas, contribuindo para o fechamento de *gestalten* inacabadas. De acordo com a autora, em alguns momentos a criança será capaz de fazer suas próprias escolhas; em outros, o gestalt-terapeuta oferecerá o suporte necessário para que ela consiga desenvolvê-las e ampliá-las (Oaklander, 1980).

O consultório de Gestalt-terapia dispõe de diferentes materiais e recursos que permanecem acessíveis à criança, possibilitando que ela escolha, de acordo com suas necessidades e interesses naquele momento, aquilo que deseja utilizar durante a sessão. Assim, o psicoterapeuta não estabelece previamente quais recursos lúdicos deverão ser utilizados, mas disponibiliza-os para que a própria criança possa indicar o caminho do processo terapêutico (Aguilar, 2014).

Uma das possibilidades de intervenção na psicoterapia infantil é a utilização de recursos lúdicos, que favorecem a expressão das vivências da criança. Por meio do brincar, é possível aproximar-se de sua maneira particular de perceber e experienciar o mundo, considerando suas formas de expressão e de estabelecimento de contato. Nesse sentido, os jogos e demais recursos lúdicos constituem importantes facilitadores do processo terapêutico com crianças (Noronha; Barreira, 2016). A criança possui na brincadeira um importante recurso para sua autorregulação. Por meio do brincar, ela se expressa e utiliza o recurso lúdico para externalizar suas vivências, angústias, medos e frustrações. Durante a brincadeira, dá sentido à sua realidade, utilizando sua criatividade para encontrar diferentes formas de autoexpressão. Além disso, inventa personagens, cria situações e atribui significados aos recursos utilizados em suas brincadeiras (Antony; Bai, 2025).

O lúdico se faz muito presente na clínica em Gestalt-terapia e pode ser utilizado como uma importante forma de expressão da criança. Nesse contexto, o desenho constitui um recurso que possibilita à criança expressar sentimentos, experiências e percepções que, em alguns momentos, podem ser difíceis de comunicar verbalmente (Zanella; Antony, 2020).

Assim, o desenho amplia as possibilidades de contato e expressão da criança durante o processo terapêutico. Na Gestalt-terapia, o desenho pode ser utilizado em diversas atividades, como o estabelecimento de vínculo, a compreensão diagnóstica processual e a intervenção terapêutica, sempre fundamentadas no método fenomenológico e na relação dialógica (Zanella; Antony, 2020).

O brincar constitui uma das principais formas de expressão da criança, sendo comum que, durante as sessões, ela manifeste o desejo de brincar em vez de conversar. Diante disso, cabe ao psicoterapeuta acolher essa forma de comunicação e atuar como facilitador do processo terapêutico. Quando o profissional impede ou restringe o brincar, pode comprometer o desenvolvimento do processo terapêutico, uma vez que desconsidera uma importante forma de expressão infantil (Aguilar, 2014).

Oaklander (1980) destaca que o gestalt-terapeuta dispõe de diversos experimentos que podem ser utilizados durante o processo terapêutico, os quais são realizados a partir das necessidades que emergem no momento presente da relação entre terapeuta e criança. Os experimentos podem ser realizados com recursos disponíveis no consultório, os experimentos têm como finalidade presentificar aspectos da experiência dos quais a criança ainda não se deu conta, favorecendo a ampliação da *awareness* acerca de suas emoções, sentimentos, vivências e de sua relação com o meio, possibilitando novas formas de expressão e percepção de si (Antony; Bai, 2025).

A Gestalt-terapia utiliza a arte como uma ferramenta terapêutica de grande valor para favorecer a autoexpressão. Por meio dela, o cliente encontra diferentes caminhos e possibilidades para se expressar, seja através de desenhos, dança, encenação, dramatização, pintura ou colagem. A arte é amplamente utilizada como recurso para favorecer a ampliação da *awareness* (Frazão; Fukumitsu, 2021). No manejo clínico, a arte auxilia crianças que apresentam dificuldades para se expressar por meio das palavras ou para entrar em contato com suas emoções. Por meio dos desenhos, por exemplo, o cliente pode se expressar livremente, sem a necessidade de utilizar a linguagem verbal, sendo capaz de presentificar angústias, dilemas, sentimentos e sonhos. A pintura amplia as possibilidades criativas, favorecendo a construção de imagens que remetem às experiências do cotidiano do cliente. Já a encenação possibilita vivenciar situações que, na vida real, ele gostaria de experimentar ou expressar (Antony; Bai, 2025).

16

Além desses recursos, existem inúmeras possibilidades de integrar a arte ao contexto do consultório, de acordo com as necessidades de cada cliente e com os objetivos terapêuticos. Sua utilização também pode favorecer o fortalecimento da relação terapêutica entre gestalt-terapeuta e cliente, proporcionando um ambiente de maior acolhimento, criatividade e expressão durante o processo psicoterapêutico (Frazão; Fukumitsu, 2021).

Na clínica, é importante observar se a criança é capaz de entrar em contato com o momento presente, estabelecer contato com o terapeuta e voltar-se para si mesma, pois é por meio desse contato que o processo terapêutico acontece. Em determinadas situações, por exemplo, quando a criança utiliza bloqueios de contato, como falar excessivamente ou não conseguir realizar uma atividade sozinha, o gestalt-terapeuta deverá proporcionar experimentos que possibilitem à criança estar presente no aqui-agora, fortalecendo suas funções de contato e sua *awareness* (Oaklander, 2022).

A participação da família no processo psicoterapêutico é fundamental, pois constitui o principal campo relacional da criança. Ao iniciar o processo, é importante compreender as expectativas dos responsáveis e esclarecer que não há um tempo previamente estipulado para o atendimento, evitando que a criança seja vista como alguém que precisa ser “consertado” ou apresentar mudanças imediatas (Aguilar, 2014). Quando necessário, o gestalt-terapeuta pode realizar sessões familiares, propostas pela criança ou pelo terapeuta, conforme as demandas emergentes e com finalidade terapêutica definida. Essas sessões, de caráter semidiretivo, possibilitam observar a dinâmica familiar e podem utilizar recursos lúdicos, como desenhos, fantoches, esculturas e Lego, favorecendo a expressão de aspectos relacionais que nem sempre são comunicados verbalmente. A realização de novos encontros pode ser acolhida conforme as necessidades identificadas no processo terapêutico (Aguilar, 2014).

A articulação com a escola pode integrar o acompanhamento psicoterapêutico infantil quando esse contexto for relevante para a compreensão da situação vivenciada pela criança, mediante consentimento do cliente e de seus responsáveis. O contato ocorre conforme as necessidades identificadas no processo, podendo contribuir para a compreensão da vivência escolar, a observação da criança nesse contexto e a troca de informações e orientações com os profissionais que participam de seu cuidado. Ao término da psicoterapia, quando pertinente, a escola pode ser comunicada sobre o encerramento do processo (Aguilar, 2014).

As interrupções da psicoterapia infantil podem ocorrer por diferentes motivos, como mudanças, dificuldades financeiras, insatisfação dos responsáveis ou recusa da criança em participar do processo. Nesses casos, é importante compreender os motivos da interrupção a partir do campo da criança, considerando sua dinâmica familiar, suas necessidades de autorregulação e as relações estabelecidas. Quando o encerramento é decidido pelos responsáveis, o psicoterapeuta deve acolher a experiência da criança, auxiliando-a a reconhecer os recursos e aprendizagens desenvolvidos ao longo do processo, para que o término não seja vivenciado apenas como uma perda. Também cabe ao profissional dialogar com os responsáveis sobre suas expectativas e ampliar sua *awareness* acerca da decisão de interromper o tratamento, favorecendo uma escolha mais consciente (Aguilar, 2014).

A alta em Gestalt-terapia infantil é construída em conjunto com a criança, considerando os recursos desenvolvidos para lidar com suas necessidades de forma mais criativa. O encerramento é conversado com a criança, favorecendo sua participação e a elaboração desse momento. Os responsáveis também participam por meio de uma devolutiva sobre as mudanças observadas e os recursos desenvolvidos, de modo a apoiá-la na continuidade desses recursos no

cotidiano. Assim, busca-se favorecer a elaboração da separação do terapeuta e o reconhecimento dos avanços alcançados (Aguilar, 2014).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo investigar as possibilidades de manejo na clínica gestáltica, com base na discussão de contribuições de autores clássicos e contemporâneos sobre o desenvolvimento infantil e o manejo nessa abordagem. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, exploratória e bibliográfica, de cunho conceitual.

A Gestalt-terapia compreende a criança em sua totalidade, não a reduzindo a sintomas ou diagnósticos. Nessa perspectiva, o sintoma pode ser compreendido como uma forma de ajustamento criativo encontrada pela criança para responder às situações vivenciadas em seu campo. Embora esse ajustamento possa ter desempenhado uma função importante em determinado momento, pode se tornar cristalizado e deixar de favorecer o bem-estar da criança. Assim, o manejo clínico busca compreender o significado do sintoma no contexto em que a criança está inserida, favorecendo novas possibilidades de contato, expressão e autorregulação (Aguilar, 2014).

O manejo clínico fundamenta-se na presença genuína do gestalt-terapeuta, na aceitação da criança, no não julgamento e na postura fenomenológica, considerando a relação terapêutica como elemento fundamental do processo. O terapeuta acompanha a experiência da criança, respeitando seu ritmo, suas necessidades e suas formas de expressão, sem buscar respostas prontas ou intervenções previamente determinadas (Poppa, 2018).

Na clínica gestáltica com crianças, o brincar constitui uma importante possibilidade de expressão e comunicação. Por meio de jogos, desenhos, histórias e outras atividades, a criança pode expressar experiências, sentimentos e conflitos que nem sempre consegue comunicar verbalmente. Dessa forma, os recursos lúdicos não devem ser compreendidos como técnicas aplicadas de maneira padronizada, mas como possibilidades construídas a partir do que emerge na relação terapêutica e das necessidades apresentadas pela criança (Oaklander, 1980).

A compreensão da criança como parte de um campo relacional também se mostra fundamental para o manejo clínico. Suas experiências são constituídas nas relações que estabelece com a família, a sociedade e o ambiente, de modo que esses contextos não podem ser desconsiderados no processo psicoterapêutico. A participação dos responsáveis, quando necessária, pode contribuir para uma compreensão mais ampla da experiência infantil e para o

acompanhamento do processo, sem retirar da criança seu lugar de sujeito (Antony; Zanella, 2020).

Nesse sentido, as contribuições da Gestalt-terapia para a clínica infantil estão relacionadas à compreensão da criança como um ser singular, ativo e dotado de potencialidades. O trabalho clínico busca favorecer a *awareness* e ampliar as possibilidades de ajustamento criativo, considerando a criança em sua integralidade e as relações que constituem seu campo. Essa perspectiva contribui para uma compreensão do sofrimento infantil que não se limita a categorias diagnósticas, considerando também os aspectos relacionais, sociais e culturais envolvidos em sua experiência (Frazão; Fukumitsu, 2015).

Por fim, compreende-se que o manejo clínico na Gestalt-terapia com crianças não se restringe à utilização de técnicas ou recursos específicos, mas envolve, sobretudo, a postura do terapeuta na relação com a criança e com sua experiência. A presença, a escuta, a confirmação e a atitude não julgadora possibilitam a construção de uma relação terapêutica na qual a criança pode se expressar e ser reconhecida em sua singularidade. Assim, o manejo clínico se constitui como um processo relacional, sensível e contextualizado, que busca acompanhar a experiência da criança, favorecer sua expressão e ampliar suas possibilidades de contato e *awareness*, respeitando seu tempo, suas necessidades e suas formas de estar no mundo (Poppa, 2018).

REFERÊNCIAS

- AGUIAR L. Gestalt-terapia com crianças: teoria e prática. São Paulo: Summus, 2014; 264p.
- ANTONY S, ZANELLA R, orgs. Infância na Gestalt-terapia: caminhos terapêuticos. São Paulo: Summus, 2020; 224p.
- ANTONY S, BAI D. Terapeutas criativos: Gestalt-terapia para crianças, adolescentes, adultos e famílias. São Paulo: Summus, 2025; 128p.
- BOMFIM LP. A teoria processual e fenomenológica do desenvolvimento na Gestalt-terapia. IGT na Rede, 2026;23(44).
- CIRINO O. Psicanálise e psiquiatria com crianças. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- CYSNE JB, FROTA AMMC. Tecendo fios da infância com a filosofia da educação, a Gestalt-terapia e a poesia de Manoel de Barros. Revista do NUFEN, 2017;9(3):38-56.
- FRAZÃO LM, FUKUMITSU KO, orgs. A clínica, a relação psicoterapêutica e o manejo em Gestalt-terapia. São Paulo: Summus, 2015; 184p.
- FRAZÃO LM, FUKUMITSU KO, orgs. Gestalt-terapia: conceitos fundamentais. São Paulo: Summus, 2014.

FRAZÃO LM, FUKUMITSU KO, orgs. Modalidades de intervenção clínica em Gestalt-terapia. São Paulo: Summus, 2016.

FRAZÃO LM, FUKUMITSU KO, orgs. Recursos criativos em Gestalt-terapia: fundamentos e práticas. São Paulo: Summus, 2021; 200p.

GINGER S, GINGER A. Gestalt: uma terapia do contato. São Paulo: Summus, 1995.

GRAZZIOTIN LS, KLAUS V, PEREIRA APM. Pesquisa documental histórica e pesquisa bibliográfica: focos de estudo e percursos metodológicos. *Pro-Posições*, 2022;33:e20200141.

JOYCE P, SILLS C. Técnicas em Gestalt: aconselhamento e psicoterapia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

LÖSCH S, RAMBO MA, FERREIRA JS. A pesquisa exploratória na abordagem qualitativa em educação. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, 2023;18(00):e023141.

NORONHA FCM, BARREIRA MML. O uso de recursos lúdicos na Gestalt-Terapia: possibilidades de intervenção clínica em psicoterapia infantil. *Revista Eletrônica Saúde em diálogo*, 2016;2(2):26-37.

OAKLANDER V. Descobrindo crianças: a abordagem gestáltica com crianças e adolescentes. São Paulo: Summus, 1980.

OAKLANDER V. O tesouro escondido: a vida interior de crianças e adolescentes. São Paulo: Summus, 2022; 240p.

PITANGA AF. Pesquisa qualitativa ou pesquisa quantitativa: refletindo sobre as decisões na seleção de determinada abordagem. *Revista Pesquisa Qualitativa*, 2020;8(17):184-201.

POPPA CC. O suporte para o contato: Gestalt e infância. São Paulo: Summus, 2018.